

---

## **Expressões da Cultura Popular do Nordeste, Memória e Cidadania na cobertura cultural da Revista Continente, de Pernambuco <sup>1</sup>**

Emanuel Andrade FREIRE<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP  
*Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA*

**RESUMO:** O presente artigo traz uma abordagem sobre os aspectos do jornalismo multicultural presentes na revista Continente, de Pernambuco, com suas reportagens especiais que traduzem a memória da cultura popular do Nordeste, desempenhando um papel informativo que enfatiza e dialoga com as expressões e linguagens, dos artistas populares, no âmbito da cidadania e dos direitos humanos. Criada no ano de 2000, como publicação mensal, em sua diversidade temática, a Continente foca suas reportagens a partir da diversidade cultural que movimentava a cena do litoral ao sertão, concentrando temáticas sobre música, cinema, literatura, teatro, dança, jornalismo gastronomia, turismo e religião, com olhar interpretativo sobre a função social de cada expressão.

**PALAVRAS-CHAVE** - Jornalismo Cultural; Revista; Memória; Cidadania.

### INTRODUÇÃO

O jornalismo praticado em Pernambuco é um dos mais representativos do Nordeste com referências históricas na história da imprensa brasileira. Podemos considerar que o estado atravessa quase dois séculos conduzindo o noticiário diariamente - considerando o nascimento do Diário de Pernambuco, apontado como o mais antigo periódico em circulação da América Latina, fundado em 7 de novembro de 1825 pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão[1]. Quando o Diário de Pernambuco foi fundado, o

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do Dinter de Comunicação Uneb- ECA/USP, email: efreire@uneb.br

Recife ainda não era a capital do estado, fato que só ocorreu um ano e três meses depois. Ao lado do DP, ainda hoje circula normalmente o Jornal do Comercio e Folha de Pernambuco. Os três impressos fizeram história no campo do jornalismo cultural, com mais evidencia o Diário e Jornal do Comercio, por meio de seus cadernos culturais que há décadas traduzem as rotinas das manifestações artísticas pautadas no campo da música, na literatura, nas artes plásticas, no cinema, dança, teatro, entre outros, principalmente na cobertura dos grandes eventos realizados como feiras e festivais que ocorrem, anualmente, não só na capital, mas também nas maiores cidades do interior.

No passado a capital pernambucana teve sua efervescência cultural em vários segmentos da arte. Por seus atrativos turísticos, a cidade cortada por rios e pontes, recebeu a denominação de “Veneza Americana” do poeta maranhense Gonçalves Dias (1823-1864), que escreveu os seguintes versos dentro do romantismo ufanista do século 19: “Salve, terra formosa, oh! Pernambuco,/ Veneza americana transportada,/ Boiante sobre as águas!/ Amigo gênio te formou na Europa,/ Gênio melhor te despertou sorrindo/ À sombra dos coqueirais”.

O referido termo foi registrado com abundância no Diário de Pernambuco, contemporâneo do autor. Saindo do cenário dos jornais, para mergulhar na trajetória do jornalismo de revista feito na capital ao longo do último século, é fato Recife sempre foi marcada pela presença de jornais diários e por revistas, mas não há um registro de estudos ou livros abrangentes sobre a temática "revista". Poucos são os registros relacionados a essas publicações, uma vez que poucos são os exemplares que circularam nos últimos cem anos preservados ou não nos acervos e bibliotecas do Estado.

Em artigo publicado em 2003 sobre 'A presença do jornalismo cultural nas revistas recifenses: os casos da Moderna, Jazz-Band Revista Carnavalesca, Capibaribe, Continente e Coquetel Molotov, a jornalista, professora e pesquisadora Aline Greco Lins, doutora em comunicação e semiótica, levantou que entre os exemplares encontrados, "foi possível perceber a vocação da imprensa local para a produção de publicações centradas nas letras, nas artes e nos elementos simbólicos culturais". Com isso, ela destacou cinco revistas: a Moderna, publicada em 1906; a Jazz-Band Revista Carnavalesca, que circulou anualmente, nos anos 30 e 40, a revista Capibaribe (na primeira fase nos anos 40), e as revistas que começaram junto com o século XXI, Coquetel Molotov (2004) e Continente (2000).

Para se ater ao valor e importância de uma publicação jornalística com o viés cultural, é oportuno compreender as dinâmicas e atores que dialogam, na prática, com as artes para que sejam fontes de criatividade no sentido de alimentar a cadeia produtiva. Como bem observou Aline Grego, em todos os níveis da produção cultural pernambucana nomes consagrados no cenário brasileiro e, em alguns casos, internacional, mesmo que grande parte já esteja saído de cena, reforçam a memória e estimulam novas gerações a darem sequência aos seus trabalhos.

Frutos da arte popular, do litoral ao agreste e sertão, entre os nomes figuram mestre Vitalino, de Caruaru, dos brincantes Salustiano e Antônio Nóbrega, da artesã Ana das Carrancas (Petrolina). Nas artes plásticas destacam-se os escultores Abelardo da Hora e Francisco Brennand, os pintores Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro. Na cena musical Luiz Gonzaga, Dominginhos, Capiba, bem como os cantores e compositores Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Lenine. O cinema também carimbou vários nomes ainda no início do século XX, liderados por Ari Severo, arte marcada, também, por jovens diretores da nova safra do século XXI, tais como Lírio Ferraz, Cláudio Assis, Marcelo Gomes e Paulo Caldas, na retomada do cinema pernambucano.

A literatura e cinema despontaram com os nomes de Nelson Rodrigues, Luiz Marinho e Waldemar de Oliveira, os poetas e escritores Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, Joaquim Cardoso, Gilberto Freyre, Osman Lins, João Cabral de Melo Neto e Raimundo Carrero.

Talvez, essa efervescência cultural é que tenha estimulado e dado suporte aos aspectos da produção jornalística cultural desde o século passado. Certamente, outras publicações voltadas para a literatura e para o jornalismo cultural, foram produzidas no Recife, mas muitas tiveram periodizações irregulares e períodos curtos de existência.

Mas é sobre a *Continente*, que chega à maioria, com seus 18 anos de edição continuada, que este texto abordará aspectos de sua atuação editorial, verificando no primeiro plano a sua contribuição ao jornalismo cultural na perspectiva da memória e do olhar sobre as expressões da cultura popular do Nordeste, fortalecendo os aspectos de cidadania, sobretudo, no horizonte de quem vem atuando na linha de produção cultural e de quem "consome" elementos desses produtos de arte.

Antes de avançarmos no campo analítico da interpretação conduzida nas reportagens produzidas pela revista *Continente*, podemos compreender diante o grau de noticiabilidade dos acontecimentos e liberdade estilística, que esse formato permite não

---

apenas o posicionamento do autor do texto como uma interpretação/explicação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele. (SOSTER, PICCININ, 2010).

No Brasil, apesar do desmonte de alguns setores e aparelhos da cultura no âmbito público e privado, e considerando a cobertura inferior feita no passado através da imprensa cultural, ainda é uma área que continua entre os preferidos do público. Segundo Daniel Piza (2003, p.8), existe uma riqueza de temas no jornalismo cultural que não se restringe somente ao que apresentam alguns segundos cadernos dos jornais diários ou colunas e páginas de determinadas revistas, o jornalismo cultural vai mais além, “afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens”.

O jornalismo cultural passa a ganhar força no Brasil no final do século XIX. Em sua trajetória, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, foram as revistas as que deram mais espaço e força ao jornalismo voltado para a cultura: “em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas, com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além da publicação de contos e poemas – era ostensiva”. (PIZA, 2003, p. 19).

As revistas são consideradas como documentos históricos importantes, pois, como destaca Marília Scalzo (2003, p.06) elas representam épocas e mitos. “Sendo assim, é possível, compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas”.

No caso da *Continente*, sobre a qual abordaremos adiante pontos de suas coberturas, é uma revista que também tem trazido temas alinhados com a perspectiva documental de fatos históricos que marcaram o panorama de temas alinhados com as questões socioculturais e políticas em sua diversidade. A revista, até recentemente, foi distribuída gratuitamente nas escolas da rede pública enriquecendo seu acervo nas bibliotecas, como fonte de leitura e pesquisa.

### **Cultura Popular, Liberdade de Expressão e Cidadania**

Objetivo de análise deste estudo, a revista *Continente* concentra toda a sua proposta editorial, na cobertura do jornalismo cultural amplo e plural, considerando uma diversidade de temas independente da tradicional factualidade angariada diariamente

---

pelos jornais, pois, suas edições tem abordado em suas reportagens pautas estabelecidas por seus editores e em alguns casos indicadas por leitores e artistas populares. Alguns pesquisadores apontam que a cobertura centrada, especificamente, na agenda e no entretenimento, dificulta o tratamento contextualizado e menos estereotipado de temáticas relacionadas à cultura popular.

Contudo, a partir disso, as regularidades do jornalismo cultural, tem feito valer, as recomendações da Unesco para a valorização de conteúdos relacionados à diversidade cultural. Adotando os conceitos do fazer cultural e do que de fato é jornalismo cultural, A produção jornalística nessa área, é assunto de constantes discussões no meio acadêmico e no mercado midiático brasileiro. Em meios aos debates, há sempre os que reconhecem o valor dos produtos dessa natureza e se interessam em pensar alternativas para melhorar sua qualidade, como também há os que classificam essa modalidade do jornalismo como algo sem muita importância.

É certo que o jornalismo cultural existe em virtude de uma demanda social. A necessidade que as pessoas têm de saber o que ocorre pelo mundo, para que possam constituir elos com grupos, comunidades e com o próprio ambiente em que vivem (MARQUES DE MELO, 1991), não se resume à apreciação de notícias sobre política, economia, saúde, meio ambiente e demais pautas cotidianas vistas pelo mercado da comunicação. Os indivíduos formadores de opinião ou não, também buscam de informações sobre artes que se alinhem com suas necessidades de consumo voltados para o lazer.

Considerando aspectos das pautas e coberturas, quanto à superficialidade do conteúdo textual, esta pode ser explicada a partir de algumas pistas já encontradas por profissionais e pesquisadores. Do ponto de vista da rotina dos cadernos diários (DÁVILA, 1996; PIZA, 2003), muitos veículos acabam por não se aprofundar nos assuntos estampados em suas páginas e muitas vezes sequer o contextualizam: ao que tudo indica, o superficial trafega sem opinião fundamentada, valorizando as celebridades e os relatos de eventos.

Também, existe o reflexo do pouco espaço físico para que o jornalista reflita em cima de sua abordagem (haja vista a redução do número de linhas utilizadas para cada texto); é, ainda e sobretudo, a falta de preparo dos jovens profissionais (RODRIGUES, 2001).

De certa forma, a revista Continente cuja impressão e distribuição feita pela Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, encontrada em bancas, em venda avulsa ou através de

assinatura - segue numa direção, digamos, mista, ao pautar as linguagens que norteiam a cultura clássica, erudita e principalmente popular. Assim, tem abordado, para além da arte, temas da filosofia, da política, da sociologia e da religião, mas todos sob a ótica cultural. Em 2002 surgiu a idéia de dar maior espaço a algumas temáticas e assim foi criada a *Continente Documento*, que passou a destacar temas históricos e antropológicos. Edições passadas, por exemplo, documentaram trajetórias ou temas inéditos relacionados ao ex arcebispo de Olinda e Recife Dom Helder Câmara, ao sociólogo Gilberto Freyre e ao escritor Ariano Suassuna.

A revista demonstra uma linha editorial independente, na medida em que está mais voltada para temas culturais livres sem necessariamente corresponder as demandas do mercado publicitário. Até a primeira metade de 2008, era chamada de *Continente Multicultural*, mas depois passou a denominar-se apenas *Continente*.

No esboço da diversidade de pautas, vale pontuar que nos últimos dez anos, a revista vem acentuando sua cobertura focada nas manifestações populares, ampliando seu olhar para além do jornalismo cultural, de forma a buscar o papel social dos atores envolvidos, dando voz aos que sempre estiveram longe da mídia tradicional, observando aspectos de seu pertencimento, legado familiar, tradição e direitos enquanto pessoas em busca do exercício de sua cidadania.

Verificamos esse contexto em uma das reportagens da edição 201 (setembro de 2017), através da reportagem "Cultura Popular", tendo como foco ao Samba de Veio da, Ilha do Massangano, em Petrolina (PE). Com chamada principal de capa, a reportagem observa que assentada no presente, e não no passado, como muito se acredita, a criação de matriz tradicional se mantém como resistência de um povo que, nas suas dinâmicas, alia com precisão vida e arte. A reportagem assinada por Luciana Veras, inicia dando voz aos integrantes do grupo popular que anos atrás impressionou o escritor Ariano Suassuna e o levou até a Ilha para conhecer a manifestação de perto.

“Essa música vem da onde?”, irrompe a pergunta numa casa na ilha que fica no meio do Rio São Francisco, em Petrolina. A dona da residência se chama Amélia Oliveira da Silva, dona Amélia para a maioria dos cerca de mil habitantes daquele pedaço de terra de cinco quilômetros quadrados, uma divisa fluvial entre Pernambuco e Bahia. É ela mesma quem se encarrega de responder – “Daqui mesmo, não vem de lugar nenhum, não, filha” – com um sorriso no rosto e a vitalidade no olhar que dribla seus 81 anos. Amélia, “a pretinha da Ilha do Massangano”, como se descreve, é uma das líderes do

---

Samba de Véio. E o Samba de Véio é o símbolo massangano e petrolinense por excelência.

No texto, a repórter traz o cenário real da comunidade e o panorama socioeconômico em que vivem seus os ilhéus. Os personagens ganham corpo, vez e voz a começar pelas crianças que levam uma vida normal em sua infância, mas já dão o tom como responsáveis pela manutenção da tradição de seus pais e avós. Ou seja, elas entram em cena para dançar, tocar e cantar.

Conforme descreve a repórter, "ter crianças ao redor daquele rito musical é um sinal de atualização, conforme a história que todos narram. Há mais de 100 anos, o samba começou a ser dançado na ilha – só "samba", sem o véio, que seria acrescido já nos anos 2000.

Francisca Claro, conhecida por Chica, se faz presente ao expressar seus argumentos: "A gente não acompanhava o samba naquela época. Além de ser tarde, criança não podia acompanhar. Na hora em que os adultos saíam, as crianças ficavam em casa. Mas meu avô me ensinava a sambar". Um dos precursores do folguedo foi Manoel de Oliveira, pai de Amélia e barqueiro que ganhava a vida transportando mercadorias entre as cidades ribeirinhas.

Outra manifestação popular pautada pelo jornalismo cultural da Continente, já em fevereiro de 2018, foi o Banhistas do Pina, um dos blocos carnavalescos mais tradicionais de Pernambuco, pouco noticiado, senão em pequenas notas, pelos jornais. Assinada pela repórter Sofia Lucchesi, a reportagem mostra os bastidores da agremiação fundada em 1932, na Comunidade do Bode, no Pina, por um grupo de estivadores, pescadores e lavadeiras que queriam cair na folia.

Quando começou, o lugar não tinha luz e o chão era batido de areia preta – eis o território do Banhistas. Ao conversar com as pessoas que seguem resistindo e levando o banhistas às ruas, a revista expôs o contexto da fundação da agremiação que não conseguiu participar do Carnaval entre 2013 e 2015, as dificuldades que acompanharam o grupo ao longo de mais de 80 anos de continuidade e descontinuidade.

Um de seus integrantes, Climério de Oliveira Santos, na reportagem lançou um olhar sobre as orquestras femininas de frevo, o que segundo a repórter, os espaços ocupados pelas mulheres nesse gênero musical sempre foram bem definidos: elas eram



---

intérpretes, coralistas ou assistas, porém, não encontravam espaço nas orquestras de frevo de rua. Esse cenário tem mudado com a fundação de orquestras exclusivamente femininas, com maestrinas e musicistas mulheres.

Algumas edições da revistas, as pautas de cultura também se voltaram para as rotinas e manifestações de povos tradicionais a exemplo de quilombolas, índios e ciganos. A edição 203 (novembro de 2017), aborda a nova geração de artistas afro-brasileiros por ampliar seu discurso e sua voz em potentes obras de arte. Com o título "Negras Liguagens", a repórter Christiane Gomes, pontua logo na abertura que o passado escravocrata fez com que apenas certos espaços fossem permitidos para a população negra. "Para além dos serviços subalternos, herdeiros de uma outrora realidade colonial, era permitido que o homem ou a mulher negra tivessem algum tipo de êxito social em lugares como os esportes (principalmente o futebol) e a música (claro que em manifestações populares, como o samba).

Contudo, a pauta mergulha nas barreiras do preconceito ao observar criticamente a presença de negros nas artes visuais, a partir da produção de artistas jovens e contemporâneos. Desde quando a produção e editores da revista começaram a discutir a proposta na reuniões de pauta, alguns princípios os balizavam, como o de buscar o máximo de representatividade dos próprios agentes da questão discutida, não apenas na pertinência da escolha dos artistas que protagonizariam o debate, mas também em relação a quem faria a reportagem.

Assim, deram a tarefa para a jornalista Christiane Gomes, negra e membro do conselho editorial da revista de artes negras O Menelick 2º ato, em São Paulo. O mesmo fato ocorreu quando da preparação da matéria sobre a situação dos indígenas hoje no Brasil (capa da edição de abril deste ano, nº 196), adotando a importância de dar voz ao outro, deixando que ele fale por si.

No percurso de produção da reportagem com os negros, deu-se a inserção de artistas com trabalhos os mais diversos, mas que trazem em comum a contundência crítica, a atualidade criativa e a pertinência.



Ainda em sua interpretação jornalística, Christiane Gomes fala do desgastado mito da democracia racial que "por muito perdurou na sociedade brasileira, vendendo, interna e externamente, a certeza de que todos eram iguais no país da mestiçagem". A mistura, inclusive, era tida como genuína e o cenário perfeito para uma harmônica convivência. Mas, a medida que o debate racial foi ganhando corpo e voz, mérito de homens e mulheres negras articulados em movimentos sociais e coletivos diversos, tal percepção foi se mostrando, na verdade, pura falácia". A jornalista acrescenta ainda:

"Não é possível falar de arte negra sem tocar no racismo que estrutura a sociedade brasileira desde sempre. Foram 358 anos em que pessoas negras foram escravizadas, tratadas como mercadoria e desprovidas de qualquer direito. após a abolição oficial, em 1888, jogadas à sua própria sorte"(Gomes, 2017).

Na reportagem, há muitas vozes ativas de artistas afro-brasileiros que desempenham seus talentos com expressividade mesmo à deriva do preconceito. "Toda pessoa negra que está hoje produzindo arte foi descobrindo-a a partir de quem veio antes. Como a gente vem de um processo histórico de ausência de referências, é como se a gente abrisse uma caixa encantada de coisas que nunca tínhamos ouvido falar antes e acho que esse diálogo geracional entre artistas está relacionado a isso. Rubem Valentim, por exemplo, eu descobri na universidade; Emanuel Araújo, Rosana Paulino e toda uma gama de artistas que já trazia um discurso sobre o corpo negro que se relaciona com o que estamos falando hoje. Ou seja, essa produção é algo contínuo", pontua Diane Lima, curadora, pesquisadora de arte e criadora do projeto *AfroTranscendence*.

Outra reportagem que serve como referência, fez a revista ir até um sítio, numa comunidade simples de Igarassu (PE) conversar com o Mestre Abias de Igarassu. Na descrição textual, revista enfoca que com "suas mãos cheias de calos já estão ocupadas desde os primeiros raios da manhã, que penetram as copas das árvores de seu sítio sem grades, sem cercas e sem muralhas". Lá, não havia separação entre o artesão e sua fonte, a natureza circundante, exceto pelas paredes de sua casa de tijolos. "Ali, a rotina se repete, sem reclamações: Abias seleciona os galhos encontrados no chão, que foram cortados e arrancados por outras pessoas. "Aproveito o que o pessoal corta, arranca; eu não gosto de cortar nada."

"Meu sítio é assim, só mato. Eu podo os galhinhos, esses pedaços assim eu colho. Já uma raiz grande, como aquela, que é raiz morta, eu aproveito e reciclo, sem agredir a natureza", conta o artista, apontando para uma raiz depositada no espaçoso jardim do

---

seu sítio. Abdias não faz distinção entre as espécies de árvores que utiliza para criar suas esculturas, no entanto, é comum que trabalhe com galhos de cajueiro e de mangueira, sendo esta uma das árvores que cresce muito próxima à sua casa.

Ele nomeia suas obras como “arte no galho”, dando a entender que não as constrói apenas a partir dos galhos, mas que acrescenta sentido, forma e movimento ao que é próprio da madeira. Nas suas caminhadas, dependendo do que encontra, visualiza mentalmente o que pode construir com aquilo; noutros casos, apenas colhe e guarda no terraço de sua casa que, aliás, é abarrotado de objetos construídos e pedaços de madeira, de todos os tamanhos, muitos recém-colhidos na mata.

“Costumo dizer que já encontro o meu trabalho pronto. Vejo, dou uns cortes, mas eu gosto da forma da natureza, como se ela estivesse ali, ainda. Ela está ali, a forma dela está ali, eu só vou acrescentar umas coisas. Pra mim, a natureza não morreu, o galho continua ali”, explica o mestre.

Abdias foi mais um personagem que talvez não tivesse antes, sido visto pela imprensa tradicional. Mas ele é mais um artista que mesmo no cenário solitário de suas rotinas, ajudando a dar voz a outros produtores de artes que jamais foram citados em sequer uma nota de rodapé na grande mídia. Mas estão ali, produzindo com garra seu trabalho que independente de definições sobre o que é cultura, estão mantendo sua arte para chegar a qualquer lugar do planeta.

No limiar dos debates sobre as formatações de cultura e sua diversidade de linguagens nos vários campos da sociedade, Daniel Piza, no livro *Jornalismo Cultural* ressalta que a correria do cotidiano e a superficialidade só não podem, como se tem visto por aí, tomar quase todo o espaço da análise, da crítica e do debate de ideias. "Em contrapartida, o preconceito contra o que é popular também é danoso porque afasta o público e desperdiça temas que abordados com criatividade e talento podem render excelente material jornalístico".

Assim, podemos verificar em todas as observações feitas ao longo deste texto, que a Revista *Continente*, sendo hoje uma das poucas em atividade no país exclusivamente no campo do jornalismo cultural, que se traduz como um divisor de águas para as várias manifestações artístico-culturais populares reconhecidas do Nordeste, abrindo espaço para seus artistas integrantes, dando-lhes voz ativa para que expressem seu sentimento de cidadania compartilhada nos espaços de atuação coletiva.

## REFERÊNCIAS

- COHEN, Ilka. IN: LUCA, Tânia e MARTINS, Ana Luiza. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- DANTAS, Maria da Paz R. Joaquim Cardozo – Ensaio biográfico. Recife: fundação de Cultura Cidade do Recife. 1985. FERREIRA, Tânia, MOREL, Marco e NEVES, Lúcia. (Orgs). História e Imprensa – representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- DÁVILA, S. Leitores, torcedores e jornalistas. Folha de S.Paulo, São Paulo, 04 set. 1996. Caderno Ilustrada, p. 6.
- JAZZ BAND REVISTA CARNAVALESCA. Recife, 1939.
- LUCA, Tânia e MARTINS, Ana Luiza. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARQUES DE MELO, J. Indústria cultural, jornalismo, jornalistas. Intercom: Revista Brasileira de Comunicação, ano 14, n. 65, p. 20-29, 1991.
- MARTINS, Ana Luíza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república (1890-1922). São Paulo: Fapesp/Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- NASCIMENTO, Luiz do. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Recife: Ed. Universitária UFPE, 1997.
- PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2003.
- PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais...Caxias do Sul, 2010.
- REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Ed.201, Recife: setembro de 2017.
- REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Ed.203, Recife:novembro de 2017.
- REVISTA CONTINENTE. Ed 206, Recife, Recife: fevereiro de 2018.
- SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2003. SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999